

# RENOVAÇÃO NECESSÁRIA

OS CANAVIAIS BRASILEIROS ESTÃO COM IDADE ELEVADA, MUITAS FALHAS E ALTOS ÍNDICES DE PRAGAS E DOENÇAS; APROXIMADAMENTE 20% DA ÁREA PLANTADA PRECISA SER RECUPERADA

Maior produtor mundial de cana-de-açúcar, o Brasil vive hoje um momento importante e decisivo. Os canaviais na região Centro-Sul do Brasil (90% da produção brasileira) têm idade elevada, com desequilíbrio entre áreas novas e velhas, muitas falhas entre as plantas e altos índices de pragas e doenças. Para a fase de recuperação na qual o setor ingressa em 2012, será necessário o esforço de renovar, anualmente, 20% da área, além de uma expansão horizontal ao redor de 4,5% ao ano.

O envelhecimento do canavial em tradicionais áreas de produção foi consequência da falta de investimentos em renovação da cultura, dos baixos preços em 2006 e 2007, e da crise global de crédito de 2008, segundo Luiz Carlos Corrêa Carvalho, presidente da Abag (Associação Brasileira do Agronegócio).

Em geral, a recuperação é de 15% da área total ao ano, mas, nas últimas safras, esse índice não passou de 8%. Isso elevou a idade média do canavial de 3,7 anos na safra 2010/2011 para os atuais 4 anos.

De acordo com a Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar), uma lavoura equilibrada é composta por 60% de cana nova e mais produtiva e por 40% de cana envelhecida, acima de quatro cortes. No entanto, este cenário está invertido. Como consequência, a moagem de cana-de-açúcar nas unidades do Centro-Sul, desde o início da safra 2011/2012 até 1º de fevereiro de 2012, somou 493,49 milhões de toneladas – uma queda de 11,39% ante os 556,95 milhões de toneladas registrados no final da safra anterior.





Considera-se um canavial jovem aquele até o terceiro corte. A partir do quarto corte, há uma queda mais efetiva da produtividade. Do primeiro ao terceiro corte, obtêm-se cerca de 100 toneladas de cana por hectare. Do quarto em diante, a média é de 68 toneladas de cana por hectare. “No entanto, ambientes de produção piores mostrarão resultados bem abaixo destes”, explica Carvalho.

Segundo Tomaz Caetano Cannavam Rípoli, engenheiro agrônomo e professor da Esalq – USP (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), **A BAIXA PRODUÇÃO DA SAFRA 2011/2012 É UM PROBLEMA COMPLEXO QUE ENVOLVE FALTA DE FINANCIAMENTO/CRÉDITO, FATORES CLIMÁTICOS (FALTA DE CHUVA) E FALTA DE INVESTIMENTOS EM TECNOLOGIA.** “Se houver aplicação dos recursos necessários, a melhora desse desempenho só será percebida nos próximos de 2 ou 3 anos”, afirma.

Para o presidente da Abag, não há outro caminho que não seja o de voltar aos fundamentos técnicos da cultura da cana. “Isso requer investimentos em tecnologia e em renovação de canaviais de cerca de 20% ao ano”, diz. Os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Minas Gerais são os que possuem os canaviais mais antigos do Centro-Sul. No

## PERÍODO OCIOSO DAS USINAS NA ENTRESSAFRA E A RENOVAÇÃO DE CANAVIAIS SÃO OPORTUNIDADES PARA O PLANTIO DO SORGO SACARINO

Nordeste, em geral, estão as áreas mais equilibradas.

Além do alto investimento, as usinas enfrentam ainda algumas dificuldades, como falta de mudas de qualidade, de recursos disponíveis na forma de crédito para o plantio, aprendizado sobre o plantio mecanizado diante das restrições ao manual e novas áreas em ambientes mais fracos de produção. Em condições normais, o custo do plantio de um hectare é de R\$ 5 mil a R\$ 5,5 mil.

Para investir em novas áreas, há dois tipos de plantio. O que ocorre entre fevereiro e abril de cada ano, gerando a cana colhida em 18 meses, e o dos outros meses do ano, que gera a cana de 12 meses. Já para um “greenfield” (projeto que sai do zero), normalmente somente no quinto ano se atinge a moagem planejada.

### ALTERNATIVA NA ENTRESSAFRA E NA RENOVAÇÃO

Pesquisas e testes apontam para o sorgo sacarino como uma alternativa para o período ocioso das usinas na entressafra e também na renovação dos canaviais. Apesar de a gramínea não ter a mesma produtividade da cana-de-açúcar, ela se mostra uma cultura eficiente porque é plantada no final do ano e colhida em 2 ou 3 meses.

Segundo o professor Tomaz Caetano Cannavam Rípoli, da Esalq – USP, o sorgo não altera a moagem da usina e também não exige novas tecnologias. Existe um problema, que é solucionável: o teor de amido dessa matéria-prima pode causar alguns problemas na industrialização.

Empresas como a Monsanto têm apostado na gramínea como uma real alternativa para a entressafra da cana. **“O CONCEITO ESTRATÉGICO NASCEU DA OPORTUNIDADE ENCONTRAR UMA CULTURA QUE, NOS MESES DE PARADA DAS INDÚSTRIAS, PUDESSE PRODUZIR AÇÚCAR E ETANOL”**, afirma José Carlos Carramate, engenheiro agrônomo e líder de negócios da cana da Monsanto.

Segundo Carramate, 2011 foi o primeiro ano que a Monsanto colocou a cultura do sorgo em escala industrial. Foram mais de 3 mil hectares em 7 usinas, com seis colheitas já encaminhadas para a indústria. “Este ano, a Monsanto se preparou para produzir mais sementes e devemos mais que dobrar [este total] e chegar a 8 mil hectares”, diz.

Apesar de o plantio entre as culturas ser totalmente diferente – para a cana, planta-se o caule e para o sorgo, uma semente menor que um grão de soja –, o processo de colheita é exatamente o mesmo. Não é necessário investir em maquinário extra.



**LUIZ CARLOS CORRÊA CARVALHO**, PRESIDENTE DA ABAG (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO AGRONEGÓCIO)

Conforme Carramate, dos 9 milhões de hectares de cana plantados no Brasil, em média, devem ser renovados anualmente de 15% a 20%. E é justamente nessas áreas de recuperação que se planta o sorgo. Ou seja, entre novembro e dezembro, pode-se plantar a gramínea, que ocupa uma “janela” na produção da cana.

Nas pesquisas e testes da Monsanto, verificou-se que o sorgo tem entre 80% e 85% da capacidade produtiva do etanol por área em relação à cana-de-açúcar. A gramínea não se destina à produção de açúcar de mesa, mas tem a composição perfeita para produção de etanol. “É o ideal para os meses de janeiro e fevereiro, quando ainda não começou a colheita da cana e o cenário é de alto valor do preço do etanol por alta demanda e estoque baixo”, explica.

Com a cultura do sorgo, a indústria reduz drasticamente o investimento em custos fixos da operação. Afinal, toda a infraestrutura que normalmente fica parada no período de entressafra é otimizada e o gasto com mão de obra é diluído nesses meses.

Outro fator a favor da gramínea é o plantio nas áreas de reforma de cana, resultando em uma produção adicional, com a qual os usineiros podem aproveitar o pico de preço. Segundo Carramate, a Monsanto tem no campo áreas com mais de 60 toneladas de massa verde por hectare, perto de 4 mil a 5 mil litros de etanol por hectare. “Esse é o pico máximo que conseguimos até agora”, afirma. 🍷

